

Estudos

Interdisciplinares sobre
Gênero e Feminismo

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

Estudos

Interdisciplinares sobre
Gênero e Feminismo

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E82	<p>Estudos interdisciplinares sobre gênero e feminismo 1 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Estudos Interdisciplinares sobre Gênero e Feminismo; v. 1)</p> <p>Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-789-5 DOI 10.22533/at.ed.895191911</p> <p>1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 306.7</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Feminista... é fazer aquilo que diziam que eu não podia fazer; aquilo que diziam que só o homem pode fazer, eu como mulher também posso fazer. Feminista, acima de tudo é quebrar barreira, é mostrar que a gente pode fazer o trabalho independente do homem, não necessariamente que tenha um do lado. (Ajurimar Bentes – integrante do Grupo de Mulheres Guerreiras Sem Teto, do Movimento dos Sem Teto de Salvador, 2010)

A interdisciplinaridade é uma alternativa em relação ao conhecimento compartimentado em disciplinas e ao discurso de autores contemporâneos que, se por um lado têm representado avanços em algumas discussões específicas, por outro, fica a dever na abordagem científica e na problematização de temas que devem ser considerados em sua complexidade e que ultrapassam o âmbito teórico e metodológico de uma única disciplina. A reflexão interdisciplinar, métodos de uma área para outra, o que possibilita a geração de novos conhecimentos e profissionais com fundamentação sólida e integradora.

A construção das identidades culturais e de gênero na sociedade contemporânea, cujas transformações especialmente a chamada globalização, “acirrada” desde a década de 70 são objeto de reflexão da teoria social. A partir da compressão do tempo-espço, da globalização da economia e da informação, a construção das identidades ganha novos contornos e necessita ser discutida. As travestis, transformistas, drag-queens e transexuais os transgêneros refletem as constituições de identidade e de gênero.

A sociedade contemporânea tem sido objeto de várias discussões na teoria social, particularmente suas transformações a partir da década de 70. Nessas discussões são várias as denominações para este processo, como pós-modernidade, modernidade tardia, modernidade reflexiva. Esses rótulos, entretanto, não são o que mais importa, mas sim as modificações intensas e contundentes na contemporaneidade e, acredito, vale a pena refletir sobre alguns aspectos dessa mudança.

Antes de tratar especificamente da questão da identidade na sociedade contemporânea, parece-me importante inserir na discussão alguns autores que refletem sobre o próprio cenário contemporâneo embutindo nessa discussão, de forma mais ou menos explícita, a questão das identidades. Como se dá a construção e reconstrução das identidades em um cenário fragmentado, permeado estética e informacionalmente pela mídia, por imagens sobrepostas, por informações sobrepostas, redes, fluxos, riscos e incertezas.

Hall afirma ainda que um aspecto importante relacionado à questão da identidade estaria ligado às transformações na alta modernidade, especialmente a globalização. As mudanças de tempo e espaço, as fragmentações dentro da própria modernidade e a ruptura com antigas tradições, a diferença como característica fundamental, enfim,

processos de descontinuidade, fragmentação, ruptura, deslocação, características da alta modernidade, contribuiriam sobremaneira para a transformação das identidades, que se tornariam fragmentadas e plurais. “Quanto mais a vida social torna-se mediada pelo marketing global de estilos, lugares e imagens, pelos trânsitos internacionais, por imagens de mídia e sistemas de comunicações em redes globais, mais as identidades tornam-se destacáveis - desconectadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicas, parecendo estar ‘à deriva’. Somos confrontados por uma série de diferentes identidades, cada uma delas nos atraindo, ou antes atraindo diferentes partes de nós, a partir das quais parece possível fazer escolhas.” (Hall, 1995: 57). Não é possível, então, pensar as identidades de forma deslocada do contexto, da experiência concreta. Na sociedade contemporânea parece ser difícil pensar no desejo de uma “unidade”. A globalização, assim, antes de estar vinculada a uma totalidade transcendente, permitiria uma proliferação de fragmentos. Ou seja, o local como parte integrante do mundo. Paisagens reais e virtuais que, de algum modo, se oferecem ao olhar de maneira parcial, mas ao mesmo tempo, como parte de um todo.

Na construção de uma perspectiva interdisciplinar, tão necessária para se dar conta dos processos multidimensionais, usar o conceito de gênero, a reprodução das ideologias e relações de gênero a partir das seguintes dimensões a) a dimensão simbólica, referente aos modelos e tipos ideais sobre masculino e feminino; b) a dimensão normativa, que diz respeito a tradução desse mundo simbólico em normas e valores c) a dimensão institucional, pertinente as instituições sociais – tais como, família, escola, estado, igreja, mídia, mercado, dentre outras – responsáveis pela disseminação dessas normas e valores; e d) a dimensão subjetiva, que diz respeito ao processo de interiorização desses valores e comportamentos correspondentes. Outro marco fundamental é O Segundo Sexo, de Simone de Beauvoir, publicado em 1949. A sentença mais utilizada é a notória “Não se nasce mulher, torna-se”.

Não basta a simples “transmissão de conhecimentos” teóricos provenientes dos estudos interdisciplinares de gênero e sexualidade na superação de preconceitos e discriminações na escola. É necessário ir além, abrir espaços no interior das instituições escolares para se problematizar os sentimentos, as resistências e os preconceitos que cercam esta temática.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“E EU NÃO SOU UMA MULHER?”: FRAGMENTOS DE UM DISCURSO FEMINISTA ANTIMANICOMIAL OU SOBRE A NECESSÁRIA GARANTIA DE LUGAR DE FALA E ESCUTA À MULHER LOUCA	
Priscila Coimbra Rocha Clarice Moreira Portugal Caliandra Machado Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.8951919111	
CAPÍTULO 2	12
A FORÇA DAS CONSTRUÇÕES SOCIAIS NA VIVÊNCIA DO MÉTODO CANGURU	
Joise Magarão Queiroz Silva Mariza Silva Almeida Edméia de Almeida Cardoso Coellho Talita Batista Lefundes Kelly Cruz Pimentel Sampaio Liliane de Souza Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.8951919112	
CAPÍTULO 3	22
A PARTICIPAÇÃO FEMININA NAS FORÇAS MILITARES ESTADUAIS: UM OLHAR SOBRE O PERCENTUAL PARA INGRESSO DE MULHERES NAS POLÍCIAS MILITARES À LUZ DO DIREITO FUNDAMENTAL DA IGUALDADE	
Isabel Gomes de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.8951919113	
CAPÍTULO 4	35
A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DAS MULHERES NA AGROECOLOGIA EM ALAGOAS	
Samara Farias dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.8951919114	
CAPÍTULO 5	47
A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA VÍTIMA DE VIOLÊNCIA NO <i>ESTADÃO</i> : O CASO DE AMANDA BUENO	
Luíza Buzzacaro Barcellos Janie Kiszewski Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.8951919115	
CAPÍTULO 6	58
ASSISTÊNCIA DA ENFERMAGEM OBSTÉTRICA E SEU VALOR NO RESGATE DA AUTONOMIA E EMPODERAMENTO	
Joise Magarão Queiroz Silva Talita Batista Lefundes Kelly Cruz Pimentel Sampaio Írbia Fernandes de Medeiros Letícia da Silva Cabral Cleuma Sueli Santos Suto	
DOI 10.22533/at.ed.8951919116	

CAPÍTULO 7	65
AS MEDIDAS PROTETIVAS MAIS APLICADAS EM CASOS ENVOLVENDO A LEI MARIA DA PENHA EM ORLEANS-SC	
Alessandra Knoll	
Felipe Basso Silva	
Gabriel Bittencourt de Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.8951919117	
CAPÍTULO 8	78
DE LEGGINGS À LUTA: A CONSTITUIÇÃO DO COLETIVO FEMINISTA MARIA BADERNA NO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA – IFBA	
Taise de Jesus Chates	
Mirela Santiago Santos	
Rafael Bomfim Souza	
DOI 10.22533/at.ed.8951919118	
CAPÍTULO 9	87
AS MULHERES DE CLARICE: UMA ANÁLISE FEMINISTA DOS CONTOS “A FUGA” E “RUÍDO DE PASSOS”	
Thainá Oliveira Chemelo	
Anna Marcella Mendes Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.8951919119	
CAPÍTULO 10	100
DIVERSIDADE DE GÊNERO E POLÍTICAS AFIRMATIVAS	
Jorge Adrihan do Nascimento de Moraes	
Valdenora Souza Mota	
Dayane Rainha da Silva	
Maria Madalena Pontes Melo	
DOI 10.22533/at.ed.8951919110	
CAPÍTULO 11	111
PRINCESAS NA <i>TIMELINE</i> : A REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO DAS PRINCESAS DISNEY NA INTERNET	
Ana Carolina Rocha Lisita	
Patrícia Quitero Rosenzweig	
Rosa Maria Berardo	
DOI 10.22533/at.ed.8951919111	
CAPÍTULO 12	124
DIÁLOGOS CONJUGAIS DESENCONTRADOS EM <i>O SILÊNCIO</i> (1981), DA PORTUGUESA TEOLINDA GERSÃO (1940)	
Denise Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.8951919112	
CAPÍTULO 13	136
ERVAS MEDICINAIS: SABER E PRÁTICA NO FAZER FEMININO	
Daniela Bento Alexandre	
DOI 10.22533/at.ed.8951919113	

CAPÍTULO 14	146
EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS NÃO ESCOLARES: UMA ANÁLISE A PARTIR DA CONCEPÇÃO DAS MULHERES DEPENDENTES QUÍMICAS	
Ana Tereza Bernardo Ribeiro de Jesus Suzana Alves Nogueira Larissa da Conceição Alves	
DOI 10.22533/at.ed.89519191114	
CAPÍTULO 15	150
A INSERÇÃO DAS MULHERES NO DESENVOLVIMENTO REGIONAL NORDESTINO ATRAVÉS DE DINÂMICAS ECONÔMICAS COLABORATIVAS	
Sunamita Iris Rodrigues Borges da Costa Assíria Marielle da Silva Dantas Azilis Camille Pierrel Laísa Maria da Silva Souza	
DOI 10.22533/at.ed.89519191115	
CAPÍTULO 16	163
LAERTE-SE: A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE ALÉM DO GÊNERO	
Juliana Maria Duarte Marques	
DOI 10.22533/at.ed.89519191116	
CAPÍTULO 17	175
EXPRESSÕES ATIVISTAS DO POLIAMOR E DESBANQUE DE PRIVILÉGIOS MASCULINOS: ENFRENTAMENTO PELA PSICOLOGIA POSITIVA E RECURSO TÉCNICO DA RESILIÊNCIA	
Maria Juivalda Barbosa Izaura Maria Carvalho da Graça Furtado	
DOI 10.22533/at.ed.89519191117	
CAPÍTULO 18	186
MULHER PRETA E A INTELLECTUALIDADE “ A SÍNDROME DA NEGA METIDA”	
Thalita Santos Reis Luduvico	
DOI 10.22533/at.ed.89519191118	
CAPÍTULO 19	195
MOVIMENTO CAPOEIRA MULHER – MANDINGAS, MALÍCIAS, SABERES ANCESTRAIS E FEMINISMO NA RODA	
Maria Zeneide Gomes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.89519191119	
CAPÍTULO 20	209
MULHERES AMAZÔNIDAS E SUA RELAÇÃO COM EMPRESAS DE BIOCOSMÉTICOS: ENTRE NOVAS RURALIDADES E VELHAS CONCEPÇÕES DE GÊNERO	
Ruth Helena Cristo Almeida Carolina da Silva Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.89519191120	

CAPÍTULO 21	217
O DESAFIO DAS PESCADORAS DE AÇUDE DO TERRITÓRIO DOS INHAMUNS CRATEÚS. IDENTIDADE, TRABALHO E RECONHECIMENTO	
Viviana Pittalis	
Anita Dias	
DOI 10.22533/at.ed.89519191121	
SOBRE A ORGANIZADORA	227
ÍNDICE REMISSIVO	228

DIÁLOGOS CONJUGAIS DESENCONTRADOS EM O *SILÊNCIO* (1981), DA PORTUGUESA TEOLINDA GERSÃO (1940)

Denise Rocha

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza
Centro de Humanidades

limitações dos papéis femininos e masculinos na tradicional sociedade portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Portuguesa Contemporânea; tradição; voltilidade; solidão.

RESUMO: A incomunicabilidade entre Lavínia e Lídia, mãe e filha, personagens da novela *O silêncio* (1981), de autoria de Teolinda Gersão, refletia-se nas relações conjugais delas. As duas mulheres rejeitavam o papel tradicional de esposas e mães, cuidadoras do marido e filhos, zeladoras do lar e administradoras da casa e, por isso, ficavam submersas na solidão e na infelicidade. Egocêntricas e devotadas aos interesses pessoais não conseguiam estabelecer profundas e duradouras relações afetivas familiares e com pessoas de sua convivência. Para compreensão da volatibilidade dos contatos humanos, tema presente nessa novela, publicada em 1981, pela qual a autora foi agraciada com o prêmio do Pen Clube de Português, no gênero ficção, será utilizada a terminologia de Zygmunt Bauman: o “mal-estar contemporâneo”. Ele permeia as relações de afeto flutuantes, denominadas de “amor líquido”, como no caso da jovem e contestadora Lídia em relação ao companheiro Afonso, um médico, em crise de meia-idade, recém separado, depois de 20 anos de matrimônio. O novo e desigual casal encontrava-se imerso em um conflito permanente sobre os poderes e

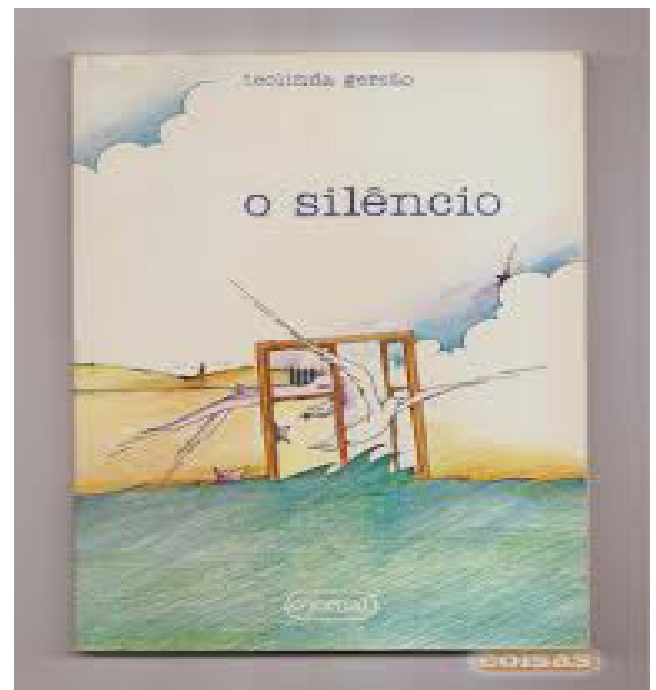


Fig. 1- O silêncio (1981)

Disponível em: <<https://nuhtaradahab.files.wordpress.com/2013/03/bac4d-silencio.jpg>>. Acesso em: 3 mai. 2019.

O tema da conturbada comunicação conjugal entre duas pessoas com grande diferença de idade e de experiência de vida - Afonso, médico atuante e escritor de textos na área da saúde, e Lídia, entediada e sem profissão -, é apresentado na novela *O silêncio*

(1981). A escritora portuguesa Teolinda Gersão cristaliza nessa narrativa (1981), pela qual foi agraciada com o Prémio do Pen Clube de Português, o comportamento rebelde da protagonista Lídia e a desordem de seus sentimentos, que repetia a vida inquieta e angustiada de sua mãe, a russa Lavínia, que não quis aprender a língua portuguesa, tampouco assumir as responsabilidades conjugais, maternais e domésticas.

A representação do universo das mulheres destacam António J. Saraiva e Oscar Lopes na *História da Literatura Portuguesa*, como uma das novas facetas nas obras literárias lusas: “[...] um dos aspectos do alargamento temático ligado a uma nova representação da vida portuguesa, é constituído pelo desenvolvimento da literatura de autoria feminina e sobre questões que se prendem com a posição social e política da mulher”. (SARAIVA; LOPES, 2000, p. 1029).

Trata-se de uma nova geração de escritoras, como Maria Isabel Barreno. Maria Velho da Costa e Maria Tereza Horta, que escreveram *Novas cartas portuguesas* (1972) contra os valores patriarcais: a obra provocou uma punição pela ditadura de Marcelo Caetano, que considerou o livro imoral e pornográfico.

Representantes da nova geração pós-ditadura salazarista/caetanista (1974), continuaram as diretrizes do “novo romance esteticista e desconstrucionista”, iniciado nos anos 1960, segundo Miguel Real na obra *O romance português contemporâneo*. Esse grupo de escritores/as consolidaram:

[...] uma autêntica revolução formal e ideológica, contestando, igualmente, as categorias tradicionais da composição clássica do romance, subvertendo as unidades de tempo e de espaço, autonomizando a categoria de tempo da de espaço e revolucionando a sinalética morfológica habitual, substituindo, não raro, a ação e a intriga pela reflexão subjetiva e ensaística do narrador ou das personagens. (REAL, 2012, p. 95)

Teolinda Gersão, como uma das escritoras mais talentosas e premiadas da nova geração, escreveu *O silêncio*, publicado em 1981, que apresenta a vida de Lídia e de sua mãe Lavínia que se rebelam contras as regras da sociedade patriarcal. O romance aborda a angústia destas mulheres, que levam uma vida ociosa, preocupando-se somente com seus interesses pessoais. Elas acreditam na incomunicabilidade com os cônjuges, apesar de suas falas ou mutismo, revelando no âmbito familiar ou coletivo, a concretização de uma expressão de foro íntimo com nuances de resignação ou de protesto.

O objetivo do presente estudo sobre a narrativa a respeito do cotidiano da jovem e contestadora Lídia em relação ao companheiro Afonso, um médico, em crise de meia-idade, é revelar as etapas das crises do novo e desigual casal, imerso em um conflito permanente sobre os poderes e limitações dos papéis femininos e masculinos na tradicional sociedade portuguesa. Os desencontros dialogais entre eles serão interpretados segundo a terminologia de Zygmunt Bauman: o “mal-estar contemporâneo”, que permeia as relações de afeto flutuantes, denominadas de “amor líquido” e a volatilidade dos contatos humanos.

1 | O “AMOR LÍQUIDO” (ZYGMENT BAUMAN)

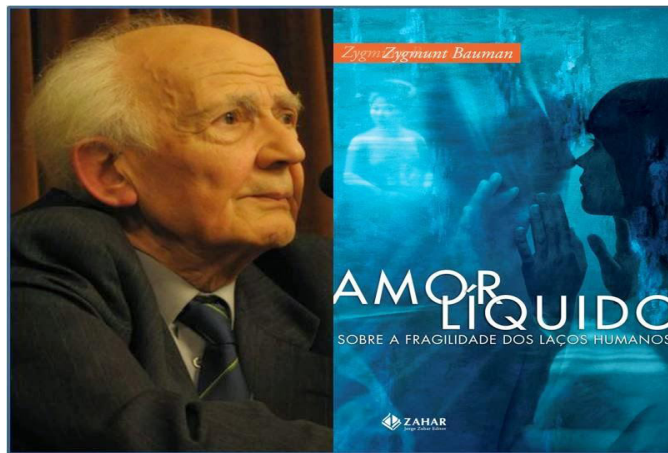


Fig. 2- Zygmunt Bauman e a obra *Amor Líquido*.

Editora Zahar . Disponível em: <<https://flaviochaves.com.br/2019/01/08/zygmunt-bauman-o-sociologo-da-modernidade-liquida/>>. Acesso em: 3 mai. 2019.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017), na obra *O mal-estar da pós-modernidade*, publicada em 1997, reflete sobre a situação do ser humano na contemporaneidade: ele vive em mundo repleto de incertezas, e troca sua segurança, antes desejada, pela liberdade individual. Isso ocorre devido às variadas mudanças políticas, econômicas e culturais, que afetam o cotidiano das pessoas, causando problema de identidade, gerado pelo sentimento de “incompletude”, e de vazio. Para Bauman, as inconstâncias da sociedade contemporânea causam, ainda, o sentimento de aprisionamento, oriundos das angústias resultantes dos conflitos em torno das normas e regras sociais vigentes.

O autor constata, de um lado, que o mal-estar da sociedade industrializada e consumista atual, causa perigo e vazio existencial, e de outro, que a consequente busca de liberdade individual provoca mais conflitos, que resultam no despertar dos próprios medos e inseguranças: os “demônios interiores”. Eles são: “[...] os medos reprimidos e circundantes que lhe permeiam a vida diária e a normalidade”. (BAUMAN, 1998, p. 52).

Em *Amor líquido* (2003), que tem como subtítulo *Sobre a fragilidade dos laços humanos*, Zygmunt Bauman tenta compreender e explicar os relacionamentos estabelecidos entre mulheres e homens na contemporaneidade (teoria da modernidade líquida). Segundo o autor: “[...] a misteriosa fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes (estimulados por tal sentimento) de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos, é o que este livro busca esclarecer, registrar e apreender”. (BAUMAN, 2004, p. 8).

Na era do “amor líquido”, na qual preponderam a fugacidade e a volatilidade,

bem como a insegurança, por causa da ruptura dos modelos tradicionais de relacionamentos entre homens e mulheres, que visavam o matrimônio e sua preservação, é possível romper os elos das cadenas sufocantes, mas é preciso assumir os riscos: “A sobrevivência e o bem-estar [...] dependem da imaginação, inventividade e coragem humana de quebrar a rotina e tenta caminhos não-experimentados. Dependem, em outras palavras, da capacidade humana de viver com riscos e de aceitar a responsabilidade pelas consequências [...]”. (BAUMAN, 2004, p. 94).

A questão da comunicabilidade/ incomunicabilidade na sociedade contemporânea, bem como a mudança dos estados nas relações afetivas interpessoais masculinas e femininas - de sólido pré-moderno para fluído pós-moderno- são um dos principais temas dos textos de Teolinda Gersão.

2 | TEOLINDA GERSÃO E AS MULHERES TRANSGRESSORAS.



Fig. 3- Teolinda Gersão

<<https://nit.pt/coolt/livros/teolinda-gersao-vence-premio-literario-vergilio-ferreira>>. Acesso em: 3 mai. 2019.

Teolinda Gersão (1940) começou a publicar aos 41 anos de idade. Depois da impressão de seu primeiro romance, *O silêncio* (1981), continua a escrever várias obras, que apresentam mulheres movidas por uma força transgressora e que enfrentam as imposições da sociedade patriarcal: *Os guarda-chuvas cintilantes* (1984); *O Cavalo de Sol* (1989); *A Casa da Cabeça do Cavalo* (1995); *A Árvore das Palavras* (1997); *Os teclados* (1999); *Os Anjos* (2003); *Histórias de ver e contar* (2002); *O Mensageiro e outras histórias com Anjos* (2003); *A mulher que prendeu a chuva* (2007); *A cidade de Ulisses* (2011); *As Águas Livres* (2013); *Passagens* (2014); *Prantos, Amores e Outros Desvarios* (2016) e *Atrás da Porta e outras Histórias* (2019).

A professora Teolinda estudou Romanística, Germanística e Anglística na

Universidade de Coimbra, na Universidade de Tübingen e na Universidade de Berlim, na qual atuou como Leitora de Português, por três anos. Começou a lecionar na área de Literatura Alemã e Literatura Comparada na Faculdade de Letras de Lisboa (1965), onde se aposentou em 1995. Desde então, ela se dedica totalmente à literatura. Nos meses de fevereiro e março de 2004, Teolinda foi escritora residente na Universidade da Califórnia, em Berkeley.

A escritora permaneceu por dois anos em São Paulo; esta estadia refletiu em alguns textos de *Os guarda-chuvas cintilantes* (1984). Esteve em Moçambique, na capital Lourenço Marques (hoje Maputo), local do romance *A Árvore das Palavras* (1997). Participou da Feira do Livro de Frankfurt em 1997 e 1999. Pela sua obra, Teolinda foi agraciada com vários prêmios literários: Grande Prémio de Romances e Novela da Associação Portuguesa de Escritores pelo romance *A Casa da Cabeça do Cavalo* (1995); Prémio de Ficção do Pen Club por *O Silêncio* (1981) e *O Cavalo de Sol* (1989); Prémio da Crítica do Centro Português da Association Internationale des Critiques Littéraires por *Os Teclados* (1999); Grande Prémio de Conto Camilo Castelo Branco por *Histórias de Ver e Andar* (2002); Prémio Máximo de Literatura e Prémio de Literatura da Fundação Inês de Castro (2008) por *A mulher que prendeu a chuva* (2007); Prémio Ciranda (2012) e Prémio da Fundação António Quadros (2013) por *A cidade de Ulisses* (2011); Prémio Fernando Namora (2015) por *Passagens* (2014) e Prémio Vergílio Ferreira (2017), atribuído pela Universidade de Évora, pelo conjunto de sua obra.

Distintos momentos históricos de Portugal e suas colônias são apresentados por Teolinda Gersão, em aspectos concretos ou alegorizados, nos seguintes romances: o século XIX em *A Casa da Cabeça do Cavalo*; os anos 1920 em *O Cavalo de Sol*; os anos 1950 e 1960, em Lourenço Marques (Moçambique) em *A árvore das palavras*; e os anos 1930 a 1960 em *Paisagem com mulher e mar ao fundo*.

A narrativa da escritora portuguesa reflete, de um lado, temas da sociedade portuguesa contemporânea, como a mordação intelectual na metrópole e no Ultramar português, e as diversas formas de cerceamento e violação dos direitos humanos; e de outro, assuntos de abrangência universal, como a família, o amor e a morte, a incomunicabilidade, entre outros, imersos no universo de mulheres de conduta violadora dos códigos patriarcais.

Na entrevista *Teolinda Gersão: a voz do silêncio*, concedida a Joaquim Cardoso Dias, em abril de 1999, sobre o romance *A árvore das palavras*, a escritora declara que:

Em relação ao feminino, eu creio que há um grande número de personagens femininas nos meus livros, e que são bastante fortes – mas não quer dizer que as personagens masculinas também não o sejam [...] *A árvore das palavras* e é justamente neste livro que uma das personagens centrais – e a meu ver das mais fascinantes – é um homem... o Laureano [...] mas acredito que as personagens femininas até agora tenham uma força muito grande nos meus livros. Eu pertenço a uma geração em que as grandes mudanças sociais foram feitas pelas

mulheres. De facto, o mundo mudou imenso entre a geração da minha mãe e a minha geração. E os homens mudaram porque as mulheres mudaram. O grande interesse em fazer uma mudança social foi interesse das mulheres, que quiseram sair da situação de limitação e de sujeição em que sempre tinham vivido até aí, e foram procurar o mundo do trabalho e outro tipo de realizações [...] E tudo isto trouxe mudanças muito profundas na sociedade. (GERSÃO *apud* DIAS, 1999, p. 14 e 15).

Uma grande mudança no papel das mulheres na sociedade contemporânea portuguesa, conforme enfatizou Teolinda Gersão, nascida no ano de 1940, ocorreu na sua geração, a qual vivenciou, também, transformações masculinas, em consequência às novas atitudes femininas: de pessoas, imersas em ambientes de “limitação e sujeição”, impostos pela tradição patriarcal, a seres à procura de realizações pessoais no campo profissional e em outras esferas.

Teolinda Gersão é casada e tem duas filhas.

2.1 O silêncio nas relações conjugais

A literatura portuguesa contemporânea (geração dos anos 1960 e 1970), segundo Miguel Real, provocou uma ruptura da trama narrativa que tem as seguintes características:

1. autonomia semântica e sintática do texto face à realidade exterior; 2. Incorporação da realidade exterior na lógica do sujeito – memória, imaginação, pulsões plurais do sujeito prevalecem sobre a lógica da realidade exterior, forçando esta a adaptar-se ao texto; 3. O texto é dominado por um tempo interior – cruzamento de três dimensões e/ ou fragmentações do tempo em instantes eternos; 4. A realidade torna-se inspiradora do texto, mas não domina este; 5. A estrutura sintática do texto reflete um pensamento anti-categorial, segundo uma nova lógica de modalidade e perspectivas ou hipóteses; 6. Não existe um eu fixo (sujeito) e não existe um objeto fixo e permanente senão ilusoriamente. (REAL, 2012, p. 109)

As subversões estilísticas, acima mencionadas, refletem-se em *O silêncio*, cuja ação novelística assume um aspecto vertiginoso, ao romper a linearidade e a estabelecer a concretude dos fatos imersos em fluídas delimitações temporais, por meio da multiplicidade de vozes narrativas em fluxos memorialísticos (as óticas de Lídia, Afonso e Lavínia).

A novela, estruturada em três capítulos, foi escrita em primeira e em terceira pessoa por uma narradora, que às vezes, parece ser a própria Lídia, que é também protagonista. Esta imagina diálogos com outras pessoas: com sua falecida mãe Lavínia; com seu padrasto Alfredo, com seu companheiro Afonso e com sua rival Alcina, esposa legítima dele. O talento de Lídia em criar estórias, metáforas e metonímias a respeito de relacionamentos afetivos e momentos de incomunicabilidade na sociedade pós-moderna, na época do “mal-estar contemporâneo” (Zygmunt Bauman), é reconhecido por Afonso que a aconselha a escrever romances.

A polarização entre homem e mulher, leitmotiv da narrativa, é acentuada por Olga Maria Carvalho Duarte, na dissertação *Teolinda Gersão: A escrita do silêncio*:

No romance *O Silêncio*, Lídia questiona viver segundo as normas impostas pela sociedade, que criam a dualidade masculino/feminino, concedendo ao homem um espaço central e, por sua vez, anulando o espaço feminino. O Silêncio representa uma resistência ao poder masculino. Há como que uma sensação de movimento interior da escrita, que leva a que a escritora e a personagem principal do seu romance partilhem os mesmos valores. O próprio leitor vê-se na necessidade de se movimentar, de se deslocar de um ponto para o outro, porque as várias vozes do romance se sobrepõem umas às outras, quer a do narrador, quer a das personagens do romance. (DUARTE, 2005, p. 43)

No primeiro capítulo de *O Silêncio* é apresentado o início da agitada ligação entre a jovem Lídia e Afonso, médico mais velho, que se encontrava em crise de meia-idade, depois de 20 anos de matrimônio. Disposta a provocar a separação do amante, a afoita moça foi até a casa dele para comunicar à esposa, Alcina, sobre o relacionamento adúltero, mas antes de ser recebida pela cónjuge, abandonou a residência. Afonso decidiu viver sozinho em um apartamento e esclareceu para Lídia que o relacionamento entre eles seria de nível sexual. Disposta a conquistá-lo, a moça começou a levar seus pertences até se instalar definitivamente junto ao dedicado médico de quem esperava receber carinho e compreensão pelo seu interesse em artes plásticas e literatura.

Em uma estadia de verão, à beira-mar, o paternal e apaixonado Afonso começou a fazer um tipo de terapia com a insegura e angustiada Lídia, que nada sabia de seu pai biológico e da vida de sua mãe, a russa Lavínia, que fora encontrada pelo português Alfredo, em Paris, o qual a levava, juntamente com a filha, para Portugal, e as cobrira de afeto profundo e de bens materiais. Lavínia não quis aprender português e passava seu tempo, fumando, tricotando, tomando banho de sol e rejeitando o marido e Lídia. Ela narrou sobre o envolvimento e fuga de sua mãe com um amigo da casa, Herberto, do qual tinha medo. Lavínia, que regressou ao lar, amargurada e sem vontade de viver, foi acolhida pelo marido e a filha com todo o amor, mas cometeu suicídio.

Durante os agradáveis dias passados com atividades marítimas, resolução de palavras cruzadas, leitura e música, Lídia surpreendeu Afonso pelo seu talento literário e sua visão ácida sobre o silêncio existente entre as pessoas, que viveriam em “caixas-de-vidro” na sociedade automatizada contemporânea.

No segundo capítulo da novela são narrados os episódios tensos do cotidiano da vida a dois: Lídia não colaborava com a organização da lide doméstica e profissional do médico - horários, tarefas, lugares certos para cada coisa, responsabilidades etc.-, pois se colocava radicalmente contra todo tipo de ordem e disciplina. Dedicava-se à pintura como passatempo, rejeitando as responsabilidades do lar e conjugais, pois não queria deixar-se “domesticar”.

Tal qual sua mãe, Lavínia, a jovem atuava como gata, esperando a vez de se tornar lince e saltar fora da redoma familiar, abandonando as obrigações e correndo atrás de aventuras. Crítica implacável do estilo de vida organizado de Afonso e da sua aceitação das regras sociais e profissionais, Lídia o confrontava em uma

desgastante batalha verbal da qual acreditava sair sempre como vencedora, ao afirmar que ele não tinha sonhos. Além disso, a jovem o acusava de não conversar nem ouvir, sendo culpado do silêncio entre ambos.

Terno, paciente e paternal Afonso, que se desgastava no trabalho intenso no hospital, chegava em casa e tentava se dedicar ao estudo e à escrita de temas do universo da medicina. Aos poucos, ele foi se irritando, com a desorganizada e irritadiça companheira. Apesar de tais embates, o médico a incentivava a reviver e a refletir sobre o seu passado, para se curar das angústias causadas pela rejeição maternal.

O último capítulo aborda as tentativas de Lídia e Afonso em consolidar o relacionamento. Para se envolver com a rotina do marido médico, ela começou a ir ao seu encontro no hospital para almoçarem juntos. Em uma dessas visitas, vivenciou o luto de uma mãe pobre, que perdeu um dos seus dez filhos.

Lídia começou a narrar sobre momentos trágicos da vida materna: o zelo metódico no cuidado das plantas; os preparativos para deixar a família e ir viver com Herberto; seu retorno e suicídio; e o luto eterno de Alfredo.

Na tentativa de constituir uma família, Lidia engravidou, mas teve uma forte hemorragia. Apesar da indiferença da jovem esposa, Afonso se envolveu na adoção de um menino com o qual desenvolveu uma relação de extrema ternura e tomou medidas de segurança para protegê-lo: adquiriu um cercadinho infantil e instalou uma mola especial na porta da cozinha, uma grade no fogão e redes de proteção nas varandas do apartamento. Lídia não suportou este estilo de vida e resolveu abandonar o marido, a criança e a moradia, que considerava opressiva, tal como o relacionamento conjugal. Para marcar de forma violenta sua recusa à rotina doméstica, conjugal e maternal, ela tirou a mola e a grade, instaladas pelo companheiro, para proteção do menino, bem como fez uma bagunça na residência, para aguardar o retorno do marido e comunicar sua decisão. Ele desesperou-se e esbofeteou Lídia, que estava somente preocupada em saber, se ele iria voltar para viver com sua legítima esposa. Afonso a chamou de louca, pois acreditava que ela estava em busca de algo que não existia.

2.1.1 Incomunicabilidade na contemporaneidade: o silêncio entre Lídia e Afonso.

A russa Lavínia, mãe de Lídia, se ocultava em uma espécie de mutismo, com a utilização de palavras imprecisas do pouco conhecido idioma português, entretanto, Lídia falava incessantemente com o seu companheiro Afonso, ao defender, de forma apaixonada, sua postura radical de rejeição ao papel exigido da mulher na sociedade tradicional: a de ser eficiente dona de casa, esposa devotada e mãe abnegada. Suas falas impetuosas atingiam as raias da paciência dele, abalando sua personalidade

paciente e compreensiva, na tentativa de compreender a fúria da jovem em aceitar certas responsabilidades, mas que vivia na ociosidade total, desfrutando de seu dinheiro recebido pelas estafantes jornadas no hospital.

A crônica angústia existencial de Lídia é comunicada a ele, em formas de reflexões ácidas verbais que têm a dimensão de narrativas orais e episódicas, nas quais ela elabora um quadro da sociedade pós-moderna, imersa em silêncio. No mutismo, aos sussurros e aos gritos, a desesperada moça leva Afonso à reflexão sobre a importância dos sonhos e sobre as exigências e cerceamentos das normas e papéis sociais.

A incomunicabilidade social e conjugal de Lídia, apesar de suas falas incessantes, reflete inseguranças e pesadelos de parte do passado traumático: de um lado, o incompreensível comportamento de sua mãe Lavínia, que não falava do pai biológico da filha nem de sua vida na Rússia, tampouco na França, onde conheceu o amável português Alfredo; e de outro, a indiferença de sua genitora com a cultura e idioma de Portugal, seu egocentrismo, seu desprezo pelo marido e pela filha, culminando na fuga com o amante, o abandono da pequenina Lídia e do devotado cônjuge e o retorno fatal que terminou com a opção pessoal em acabar com a própria existência.

Os conflitos de Lídia sobre sua identidade pessoal - pai desconhecido e mãe desnaturada - abalaram o relacionamento com o médico Afonso: “Fora limpo e directo, sem os jogos de palavras inúteis em que todas as coisas se confundem. Amá-la simplesmente, sobre a mesa de metal claro”. Depois de cerca de 20 anos de matrimônio, ele tinha a ilusão de um recomeço, apesar de exprimir para Lídia seu desencanto sobre o sentimento afetivo: “Não há nada no amor, dissera-lhe, mas sentira que essa frase era talvez absurda e corrigira: há pelo menos o amor em si próprio, mas isso era também apenas uma frase e ele odiou-se por ter cedido a tentar transpor sentimentos em palavras, porque tudo era sempre tão errado, uma vez dito”. (GERSÃO, 1984, p. 47).

O início da vida conjugal de Lídia, que não estudava nem trabalhava, com o cotidiano organizado de Afonso, revelava os descompassos no relacionamento afetivo: a recusa dela em assumir o papel social atribuído à mulher, que Afonso esperava dela; e sua recusa em assumir a condição de esposa e administradora do lar, porque parecia esperar alguma mudança significativa em sua vida. A extrema postura dela contra a ordem patriarcal estabelecida reflete na estremecida comunicação estabelecida entre os dois que revelava duas concepções de mundo e dos papéis sociais estabelecidos.

A tensão existente entre Lídia e Afonso manifestava-se em discursos verbais e imagéticos revelados em forma de “combates” com ele, que tentava entendê-la e fazê-la compreender a dor da rejeição maternal, em espécie de terapia sobre o seu passado, como filha de mãe estrangeira alienada de suas funções familiares e domésticas, adúltera e suicida. Durante a feliz estadia no verão à beira-mar, Lídia

concordou em rememorar sua infância para Afonso, que tentava apoiá-la em momentos reveladores de terapia: um tipo de comunicação com suporte médico. Magoada pela ausente mãe, a filha tentava estabelecer uma comunicação transcendental: “Vejo-te daqui, encostada à janela, a cabeça apoiada aos vidros, chamo-te baixo e sei que não irás ouvir, jamais ouvias quando chamavam por ti, caminhavas às vezes assim pela cidade, ao cair da tarde [...]”. (GERSÃO, 1984, p. 62). Da origem russa de Lavínia, a filha conservou o hábito de acender uma vela no jantar.

Para Lídia, as lembranças sobre o amante da mãe, eram negativas, principalmente, pois ele parecia se expressar de maneira calculada e dissimulada: “[...] por vezes era de repente frio, deixava um pequeno espaço em branco entre as palavras, e quando ria apareciam dentes grandes que me faziam medo [...]”. (GERSÃO, 1984, p. 17).

Lídia rememorava como viu, escondida em um canto da sala, o descontrole do padrasto, depois da fuga da esposa. Ele tapava o rosto com as mãos, gritava, batia os punhos na mesa, derrubava livros, cadeiras, batia a porta, como discursos - sonoro e gestual – que refletiam o desespero total pelo abandono. Relembrava, ainda, o retorno dela: destruída, gelada e trêmula; bem como as amargas conseqüências do suicídio materno, quando seu pai adotivo se comunicava com Lavínia no túmulo e com as fotografias dela.

Afonso tentava explicar para Lídia: “mas não vê que a experiência individual e isolada de uma mãe, que por acaso foi a sua não tem qualquer significado exemplar, moral ou social, mas não vê que você não aceita o suicídio porque persiste em afirmar que nenhum gesto de revolta se admite. (GERSÃO, 1984, p. 107). Ele constatou a inquietude de Lídia, e relatava sobre o comportamento ansioso dela que recusava a assumir: “[...] a vida possível, na pressa de procurar outra, mais alta mas inexistente [...]”.

O casal resolveu adotar um menino. A respeito da concepção, gestação e nascimento humano, Lídia tentava ensinar Afonso que: “[...] as crianças nascem de duas vozes que se encontram, e não só de dois corpos”. No entanto, não se percebia sua empatia com o filhinho, o qual desenvolveu um terno relacionamento com o pai. Em um dia rotineiro, Afonso: “Segura a criança nos ombros, deixa-a deslizar ao longo dos braços, senta-a na carpete e dá-lhe um comboio de corda”. Por ter recebido um chamado de urgência do hospital, ele se despediu, mas o menino gritava: “[...] o rosto vermelho, as lágrimas, vou voltar já, brinque só um pouco, meu filho”. (GERSÃO, 1983, p. 109 e 121). Ao retornar, encontrou o caos instalado na sala, na casa, na sua vida e na de seu filhinho:

Sai do elevador, empurra a porta e deixa cair as chaves para o chão, porque é que você fez isso, ainda não despiu a bata e grita de repente no meio de coisas espalhadas, o que é que você procura, afinal, louca [...] e também agora tentarás calar-me, mas não poderás nunca mais, você não podia, dizes, não podia, mas todas as palavras são minhas, de repente, e há um mundo que se quebra quando eu falo, então ele esbofeteou-a porque não podia suportar que ela falasse [...]

e ela falando, e então ele esbofeteou-a porque não encontrava nenhum modo de parar de ouvi-la, porque era de repente o fim daquela casa breve [...] louca gritou, da janela, porque ela ia em busca do que não existia, não existiria nunca, enquanto todas as casas que ela habitara se desmoronavam para trás, volte, gritou-lhe, talvez só em pensamento, da janela [...]. (GERSÃO, 1984, p. 122 a 124).

CONCLUSÃO

A volatilidade dos relacionamentos humanos na pós-modernidade, tema presente nos vínculos das personagens Lídia e Afonso, e Lavínia e Alfredo, em *O silêncio* (1981) novela de Teolinda Gersão, cristaliza o “mal-estar contemporâneo”, que permeia as relações de afeto flutuantes, denominadas de “amor líquido” (Zygmunt Bauman). A narrativa aborda as conflituosas relações humanas atuais, nas quais o espaço sociocultural atribuído, tradicionalmente, à mulher –criança, cozinha, igreja– é contestado por Lavínia e sua filha Lídia. Esse estado de fluidez nas conexões pessoais, de insatisfação e inquietude permanentes pela não aceitação do papel tradicional da mulher (“sólidos pré-modernos”), que conduz a “fugas” de espaços subjetivos e concretos, refletem o sentimento do mal-estar da contemporaneidade: a “fragilidade dos laços humanos”.

O autor Bauman explica que: “A socialização (pelo menos na sociedade moderna) visa a criar um ambiente de ação feito de escolhas passíveis de serem ‘desempenhadas discursivamente’, que se concentra no cálculo racional de ganhos e perdas.” (BAUMAN, 1997, p. 138).

Essa situação de “ganhos e perdas” nos envolvimento amorosos atuais, provenientes das diversas possibilidades de escolhas para a mulher contemporânea, podem ser exteriorizadas em diversas formas de discursos, os quais, muitas vezes, cristalizam um estado de profunda vulnerabilidade e fragilidade, como no caso de Lavínia e Lídia, que usufruem socialmente e economicamente da vida oferecida pelos cônjuges, mas vivem em permanente estado de angústia, de incerteza e de vazio existencial com a tradição, atormentadas por “demônios interiores” (Bauman). Elas foram em busca de uma pretensa liberdade, mas não sabiam ao certo o que desejavam, além do limite do cotidiano doméstico. A volatilidade entre os pares ocorre, pois eles querem apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos.

Muitos dos conflitos entre casais espelham a aceitação ou não dos papéis tradicionais sociais: Lídia expressa discursos conjugais, sociais e literários, e Afonso pronuncia discursos do terapeuta paternal.

Lídia tentava tecer “redes de palavras”, para seduzir Afonso para sua causa, a de rebelde que rejeita ordem, disciplina e domesticação. De palavras pintadas nas telas, a palavras escritas no aquário, a jovem falava, quase que ininterruptamente, para exprimir o seu “mal-estar” no mundo: no matrimônio, na maternidade, e na sociedade atual e futura. Seu discurso literário, existente nas várias estórias

episódicas, narradas a Afonso e ao vento, falavam de diversos tipos de palavras: a palavra pintada; a palavra escrita impressa (“palavra morta”), a “palavra viva” (“palavra dita”). Para Lídia: “[...] a literatura também se converteu em silêncio, se tornou apenas imanente, as palavras ficam cercadas, bloqueadas, [...] a palavra escrita é uma palavra morta”. Diante dos fatos, disse que desejava: “[...] a palavra dita, rente ao corpo, inseparada do corpo, língua, boca, braço, mão, gesto, movimento do eu e do outro, do eu para os outros e de novo destes para mim, a palavra que está no princípio do eu e do mundo e da vida e que é talvez, talvez, o amor”. (GERSÃO, 1984, p. 118).

Afonso arrependeu-se de ter tentado transpor “[...] sentimentos em palavras, porque tudo era tão errado, uma vez dito”. (GERSÃO, 1984, p. 47). Muitas vezes recorreu ao silêncio, ao mutismo, para evitar que as provocações de Lídia tornassem mais nocivas, e acabassem na separação conjugal.

O silêncio, de Teolinda Gersão, sugere que na pós-modernidade existe um silêncio geral, um estado de mutismo familiar ou coletivo, apesar das novas tecnologias midiáticas, e das transformações nos papéis femininos e masculinos.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2004.

_____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. de Mauro Gama e Cláudia M. Gama. 1998.

DIAS, Joaquim Cardoso. Teolinda Gersão: a voz do silêncio- entrevista. *Revista Ensino Magazine*, Lisboa, n. 14, p. 14 e 15, abril, 1999.

DUARTE, Olga Maria Carvalho Duarte. *Teolinda Gersão: A escrita do silêncio*. 2005. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura e Literatura Portuguesa). Departamento de Estudos Portugueses, Instituto de Letras, Universidade do Minho, Braga, Portugal. Disponível em:< <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5620/1/Disserta%20a7%20de%20Tese%20de%20Mestrado%20em%20Teoria%20da%20Literatura%20e%20e2%80%a6.pdf>>. Acesso em: 3 mai. 2019.

GERSÃO, Teolinda. *O silêncio*. 3. ed. Lisboa: O Jornal, 1984.

OLIVEIRA, Cristina Cordeiro. Teolinda Gersão: O silêncio – resenha. Lisboa: Bertrand, 1981 (Coleção Autores de Língua Portuguesa). *Colóquio/Letras*, Lisboa, nº. 65, p. 81-83, 1982.

REAL, Miguel. *O romance português contemporâneo: 1950-2010*. Lisboa: Editorial Caminho, 2012.

SARAIVA, António J.; LOPES, Oscar. *História da Literatura Portuguesa*. 17. ed. Porto: Editora Porto, 2000.

SOBRE A ORGANIZADORA

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO - Doutoranda em Educação Escolar. Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo (IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: - Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio as Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), Membro da Equipe de Formação Continuada de Professores. Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, História da Educação Sexual, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do Grupo de pesquisa - GESTELD - Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Membro desde 2018 do Grupo de pesquisa “Núcleo de Estudos da Sexualidade - NUSEX”.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Açude 217, 221

Agroecologia 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45

Amanda Bueno 47, 48, 50, 52, 54, 55, 56

C

Clarice Lispector 87, 88, 97, 98

Comunicação popular 136, 138

Contexto escolar 78, 82

Crítica literária feminista 87, 89, 98

Cuidado 11, 12, 14, 18, 19, 20, 24, 41, 50, 58, 60, 61, 62, 64, 82, 92, 131, 179, 217, 219

Cuidado de enfermagem 58

D

Discursos 1, 2, 3, 4, 5, 7, 9, 16, 17, 50, 87, 103, 111, 113, 114, 117, 132, 133, 134, 168, 172, 183, 209, 227

Diversidade de gênero 100, 101, 102, 103, 105, 108

E

Economia solidária 150, 152, 156, 157, 158, 160

Educação contra hegemônica 195

Empoderamento feminino 58, 61, 151, 160

Enfermagem 12, 15, 20, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 137

Enfermagem obstétrica 58, 60, 61, 62

Ervas medicinais 136, 138, 139, 143, 145

Estadão 47, 48, 49, 53, 54

Experiências educacionais 146, 147

F

Feminismo negro 85, 186, 187, 188, 192, 194, 199, 207

H

Humanização do parto 58, 59, 60, 61, 62, 63

I

Identidade 6, 8, 12, 13, 17, 18, 19, 26, 32, 38, 43, 69, 78, 79, 91, 95, 96, 98, 103, 107, 109, 113, 117, 123, 126, 132, 139, 150, 157, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 208, 217, 218, 220, 221, 222, 225

Inclusão social 150, 158

Intelectualidade 186, 188, 192

Interseccionalidade 1, 3, 5, 6, 7, 10, 11, 78, 81, 85, 86, 91, 111, 112, 116, 117, 123

J

Jornalismo 47, 49, 55, 56, 57

L

Lei 19, 20, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 48, 51, 54, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 74, 75, 76, 77, 105, 106, 109, 147, 173, 187, 218, 223

Literatura portuguesa contemporânea 124, 129

M

Medidas protetivas 65, 70, 71, 72, 75, 197

Método canguru 12, 14, 15, 16

Minorias 81, 100, 104, 105, 106, 107, 108

Movimentos sociais do campo 35, 40

Mulher 1, 2, 5, 6, 7, 8, 10, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 76, 79, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 103, 114, 117, 120, 123, 125, 127, 128, 129, 131, 132, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 158, 160, 161, 163, 164, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 176, 177, 181, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 213, 220, 221, 222, 223, 225

Mulher capoeirista 195, 201, 205

Mulheres 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 66, 67, 72, 76, 79, 81, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 103, 105, 107, 113, 114, 116, 117, 119, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 165, 167, 171, 172, 175, 176, 177, 178, 180, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 209, 210, 213, 215, 216, 217, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225

Mulheres dependentes químicas 146, 148

Mulher-trabalho 35

O

Organização feminina produtiva 150

Organização social 17, 40, 166, 207, 209

P

Parceria 156, 158, 164, 195, 202, 205, 209, 211, 213, 216, 220, 223

Pescadoras artesanais 217, 219, 225

Políticas afirmativas 100, 101, 102, 104, 105, 106, 108

Práticas pedagógicas 146, 147, 148

Prematuridade 12, 14, 19

Protagonismo feminino 35, 62, 63

R

Representação 47, 51, 54, 56, 89, 91, 92, 111, 116, 119, 122, 125, 167, 169, 198, 211, 212, 219, 220, 221, 225

Resistência 38, 89, 90, 94, 130, 139, 170, 179, 183, 187, 190, 192, 193, 195, 199, 200, 203, 207, 219, 223, 225

Roda capoeira 195, 200

S

Sertão 136, 144, 217, 220, 221

Solidão 96, 124, 187, 190

T

Tradição 89, 90, 124, 129, 134, 196, 197

Transexualidade 163, 164, 165, 168, 169, 172, 174

V

Violência 4, 6, 11, 19, 20, 32, 43, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 94, 108, 141, 164, 170, 172, 187, 190, 191, 193, 200, 201, 204, 213, 225

Violência contra a mulher 47, 48, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 69, 76, 200

Volatilidade 124, 125, 126, 134

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-789-5



9 788572 477895